

DOSSIÊ HISTÓRIAS E ESTUDOS DECOLONIAIS/ANTICOLONIAIS EM ABYA YALA

APRESENTAÇÃO

Mateus Fávaro Reis¹

O presente dossiê enfoca alguns dos debates ocorridos durante a realização do I Simpósio: Histórias e Estudos decoloniais/anticoloniais em Abya Yala, organizado pelo Grupo de Estudos em História das Américas (GEHA) e pelo (Re) pensa Humanidade, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), nos dias 04 e 05 de outubro de 2022.

O GEHA foi fundado em 2010, com dedicação ao estudo da história do nosso continente, suas relações com a Europa, África e Ásia, bem como as inter-relações continentais. Os principais objetivos do GEHA constituem em debater pesquisas, promover atualização, trocar experiências e discutir questões relativas à pesquisa e ao ensino de História da América. Os temas abordados são amplos de modo a expressar a diversidade de interesses que preside a área na atualidade, cobrindo da conquista e colonização aos mais recentes acontecimentos. São tratadas temáticas dos diversos domínios históricos, tais como política, sociedade, cultura, e economia, assim, como temáticas relativas às histórias de gênero, viagens, do cinema, historiografia e relações internacionais.

O projeto editorial, arquivo virtual e extensionista (RE)PENSA HUMANIDADE (www.repensahumanidade.com) – idealizado e coordenado por Ana Laura de Moraes Uba e Barbosa – busca uma maior aproximação dos discentes da graduação e da pós-graduação com os debates decoloniais e de autoria indígena em Abya Yala, mais precisamente com a prática da decolonização do ensino de história, por meio da formulação de conteúdos educacionais que ressignifiquem e rememorem a consciência histórica e a memória coletiva nesta sociedade, barrando exotismos, estereótipos pejorativos e subalternização dos corpos, etnias e histórias indígenas, retomando os saberes e afetos propostos majoritariamente pelo movimento e colaboradores de demandas e potência indígena que relevem outra possibilidade, organização e concepção de humanidade.

¹ Doutor em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do curso de História e da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Coordenador do Grupo de Estudos em História das Américas (GEHA). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal de Ouro Preto (NEABI/UFOP).

As participações englobaram significativas abordagens sobre as possibilidades das correntes decoloniais, ações que estão transformando a educação e modos de trocas de conhecimento, com a inserção de memórias e realidades sociais que promovem a pluralização dos protagonismos sociais, reforçam as lutas antirracistas e permitem o respeito de novas epistemes nos cenários universitários.

Questionadoras das imposições coloniais, discutimos sobre agências de diferentes movimentos, de forma transdisciplinar e tentamos, de forma coletiva, demonstrar resultados de pesquisas e desafios enfrentados contra a invisibilidade de disciplinas sobre Histórias Indígenas.

Abordamos, além disso, alguns enfrentamentos sociais e intelectuais feministas, em face de violências transtemporais de gênero, urgências na constituição de políticas públicas e manifestos para o fortalecimento das lutas contra os retrocessos de direitos e espaços sociais constantemente em disputa na América Latina.

Em suma, o presente dossiê visa a propor uma contribuição para a produção e divulgação de conhecimento em conjunto e com diálogos mais plurais, distante da competitividade acadêmica ou disputa de pensamento, entendendo que todas as demandas, ações e práticas sejam contribuições ao discurso e descolonização integral de nossa memória, prática e interação social, onde todas as interpretações devem ser discutidas e respeitadas.

Os principais debates pelos quais navegamos, enfatizaram a necessidade de se tratar com mais solidez o lugar das histórias indígenas em nossos currículos e produções interpretativas, em geral; as formas como a violência se arquiteta e se alimenta; algumas lutas feministas em diferentes países latino-americanos; bem como ter como horizonte o futuro das ações – para além das teorias – decoloniais, contracoloniais e anticoloniais.

Por fim, cabe destacar algumas questões fundamentais: 1) Mesmo após doze anos de vigência da Lei 11.645 de 2008, infelizmente, observam-se singelas ações pedagógicas e estratégias de intervenção nos currículos, e particularmente no quadro de disciplinas obrigatórias, nas universidades brasileiras, que efetivamente englobem pensamentos indígenas e autorias de pessoas e/ou coletivos originários; 2) Os debates decoloniais, contracoloniais e anticoloniais ainda não ocupam um espaço de destaque em nossas carreiras, particularmente nos cursos de história; 3) Tampouco, há ênfase sobre estudos de gênero e sexualidades em nossos currículos e 4) As narrativas sobre a produção e perpetuação da violência precisam de mais e renovados enfoques.